

Prefácio

Genivaldo de Souza Santos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, G. S. Prefácio. In: BUENO, S. F. *O fascismo em dez lições* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2022, pp. 9-12.

ISBN: 978-65-5714-304-9.

<https://doi.org/10.7476/9786557143049.0001>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Os textos que compõem a presente obra oferecem uma percepção aguda do dilema ético-político contemporâneo, especialmente no contexto nacional, ao colocar o fascismo em questão, e vão além, ao propor a radical questão: como reagir a ele, sem, ao mesmo tempo, nos tornarmos fascistas? Esse é um dilema que ocupa lugar central no *clima* ético-político do início da segunda década do século XXI, no contexto da pandemia provocada pelo vírus Covid-19, caracterizado nos termos de um negacionismo científico sem precedente, ao menos desde o início da modernidade; e também pelo retorno dos fantasmas do autoritarismo e de variadas práticas que lhe dão sustento: disseminação de *fake news*, produção de “mitos”, servidões voluntárias, necropolíticas (entre elas, negação da eficácia das políticas de vacinação), entre outras.

O esforço reflexivo do autor, querido amigo, diga-se de passagem, e testemunha atenta desse tempo pandêmico, é nutrido pela observação empírica do cenário político brasileiro, que atualmente tem a colaboração dos grupos de WhatsApp – ferramenta imprescindível no processo de disseminação de *fake news*. A sensibilidade do seu olhar

nos conduz aos contornos de uma personalidade fascista, cujos traços que não variam apontam para a variabilidade na produção de suas vítimas.

Trata-se de um livro com dez valiosas lições que mobilizam os principais conceitos da Escola de Frankfurt, especialmente os que foram cunhados por Theodor Adorno e Max Horkheimer, dialogando também com Freud e com autores da tradição filosófica, com destaque para os autores contemporâneos. Certamente uma obra destinada a todas e todos que queiram aprofundar uma leitura filosófica acerca do fascismo, características, motivações, possibilidades de enfrentamento, ambientada no contexto da pandemia Covid-19, voltada para o público acadêmico e também não acadêmico. É uma obra fortemente recomendada na formação de professoras e professores, de todas as modalidades de ensino, na medida em que todas e todos sentimos os efeitos do fascismo na trama social.

Assim como o jovem filósofo Étienne de La Boétie (1530-1563), que redireciona seu olhar para os súditos ao se questionar sobre porque obedecem ao tirano, na medida em que o tirano é apenas um e os súditos são muitos, o professor Sinésio também redireciona o olhar ao procurar compreender o fenômeno do fascismo no interior de cada um, deslocando a reflexão centrada na figura do fascista. Tarefa de primeira ordem, que deve acompanhar o enfrentamento dos efeitos do fascismo entre nós. O foco do enfrentamento, portanto, não está no Outro, não está na ação fascista, mas no cuidado e no enfrentamento do fascismo que, em maior ou menor grau, conforma nosso olhar. Reconhecer o fascismo no Outro é menos trabalhoso e menos complicado do que reconhecer o fascismo que habita em cada um de nós.

Destacamos um elemento decisivo que diferencia a interpretação do autor em relação à escola filosófica que alimenta suas reflexões, na medida em que ela se apresenta

impregnada de elementos trazidos de uma esfera vivencial muito peculiar e singular, costurada com experiências existenciais e metafísicas, que lhe dão um tom contrastante com as interpretações mais usuais (e ortodoxas) acerca do fascismo. Assim, sua teoria crítica da sociedade é antecedida e sucedida por um genuíno esforço filosófico de pensar o pensamento entramado com os processos vitais e existenciais.

Ao fazer uma defesa da liberdade essencial ao espírito humano contra a sua coisificação, cujo ápice materializa-se no fascismo, o autor não confere a este o poder de coisificar espíritos, mas atreve-se a afirmar que a coisificação do espírito ainda é uma tarefa que compete apenas ao próprio espírito. Por isso que, segundo o autor, quando “se considera a crueldade sem limites que caracteriza o fascismo, a coisificação do espírito envolvida na mais completa ausência de compaixão e identificação emocional com as vítimas demanda reflexões metafísicas acerca da natureza e da experiência do mal como núcleo da catástrofe fascismo”.

A presença subterrânea do fascismo em meio a vida cotidiana, que, segundo o autor, evidencia a predisposição dos sujeitos ao estado de frieza e apatia, é uma condição necessária, mas não suficiente, na adesão ao fascismo. Para que isso ocorra, é condição necessária a anuência de uma liberdade que, por *autoengano voluntário*, pelo *ressentimento* e pelo estado de *autocoisificação*, se deseja cativa, desejo de cativo que se estende ao Outro, como certa predisposição que caminha junto à redução da alteridade em coisa e na projeção do mal no Outro.

Dessa cilada, graças a uma súbita compreensão, graças a certo *insight* de sua ferida aberta, foi livrado o oficial Lussu, como narra Alain Finkielkraut nos seus *Ensaio sobre o século XX*. Nesse livro, o autor descreve como o oficial de guerra Lussu é *ferido pelo raio da evidência* no

mesmo instante que sua consciência e antigo hábito de guerra ordenam que ele atire no inimigo. Ele deveria se aproveitar de sua situação privilegiada, em que o inimigo está vulnerável e não percebe o perigo iminente de morte, mas, de repente, aparece uma silhueta que se destaca num gesto anódino de acender um cigarro: esses detalhes aparentemente insignificantes despojam o oficial inimigo das duas qualidades, de oficial e de inimigo.

Atingido pelo raio da evidência, o oficial Lussu não enxerga mais a condição social, a função de classe ou a nacionalidade, dessa redução, a única evidência era de que: “Eu tinha diante de mim um homem. [...] Sob o *efeito do reconhecimento*, Lussu se coloca no lugar do homem *desconhecido* que está sob seu poder. De forma inesperada, a piedade o domina”. Piedade, no caso, que não se limita apenas à repulsa em ver sofrer seu semelhante, pois há a identificação com o sofrimento mortal que está prestes a lhe atingir.

Paralelo à narrativa de guerra de Finkielkraut, cujos limites éticos são temporariamente suspensos, a descrição do tempo presente realizada pelo autor também sugere certo apagamento desses limites que nos dividem, um lembrete urgente para recordarmos de que o reconhecimento da humanidade do Outro é condição necessária para sermos quem somos, e a resposta dada ao Outro é a mesma que irá constituir os contornos éticos e políticos da nossa própria subjetividade.

Genivaldo de Souza Santos

*Doutor em filosofia da educação,
docente do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia, campus de Birigui*